

---

**CYBERBULLYING ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS: EVIDÊNCIAS SOBRE O FENÔMENO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA ÉTICA**

---

**Loriane Trombini-Frick<sup>1</sup>**  
**Juliana Aparecida Matias Zechi<sup>2</sup>**  
**Pedro Afonso Cortez<sup>3</sup>**

**Resumo**

O ambiente universitário é espaço de aprendizagens, relações, interações, trocas e buscas por informações que ocorrem de forma presencial e virtual. Contudo, também é local de experiências negativas, como situações de vitimização por *cyberbullying*. Trata-se de um tipo de agressão que ocorre via internet ou aparelhos de comunicação, afetando de múltiplas formas os estudantes, o que torna essencial compreendê-lo, enfrentá-lo e preveni-lo nos espaços educacionais, incluindo o ensino superior. O objetivo deste estudo foi descrever os tipos de vitimização por *cyberbullying* em função de frequência e gravidade de ocorrência; verificar se as variáveis individuais (gênero, etnia/raça, identidade afetivo sexual, ano de ingresso no curso e percepção de discriminação) e contextual (acolhimento institucional à diversidade) são preditoras da ocorrência de vitimização por *cyberbullying*; e discutir implicações para a convivência ética no ambiente universitário. A amostra foi composta por 1292 estudantes de graduação de uma instituição de ensino público do Brasil, com idade média de 23,75 (DP = 6,97), sendo 58,4% do gênero feminino, 87,2% heterossexuais e 63,2% brancos. A escala é um instrumento de autorrelato com quatro itens que avaliam situações de vitimização sistemática pela Internet ou meios de comunicação digitais; sete itens de percepção de discriminação por pessoas da instituição; quatro itens que avaliam a percepção de situações de violências cometidas por docentes ou outros servidores da instituição; 15 itens que avaliam a percepção dos universitários sobre o acolhimento institucional à diversidade e questionário sociodemográfico. Os resultados apontam as brincadeiras e rumores em redes sociais, seguidas de práticas de exclusão de redes sociais como as mais frequentes de *cyberbullying* entre

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná. E-mail: [loriane.trombini.frick@ufpr.br](mailto:loriane.trombini.frick@ufpr.br) - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4151-4329>

<sup>2</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. E-mail: [juliana.zechi@ifsp.edu.br](mailto:juliana.zechi@ifsp.edu.br) - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6053-589X>

<sup>3</sup> Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: [cor.afonso@gmail.com](mailto:cor.afonso@gmail.com) - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0107-2033>

os universitários. Destacou-se as variáveis de discriminação prévia, vitimização por docentes e técnicos, gênero e ano de ingresso na predição da ocorrência de vitimização por *cyberbullying*. Por fim, ressalta-se a importância de ações institucionais efetivas para a promoção da convivência ética em contextos universitários visando a superação do *cyberbullying*.

**Palavras Chave:** Violência. Prevalência. Preditores de *cyberbullying*. Discriminação. Universidade.

## **CYBERBULLYING AMONG BRAZILIAN UNIVERSITY STUDENTS: EVIDENCE ON THE PHENOMENON AND ITS RELATIONSHIP WITH EDUCATION FOR ETHICAL COEXISTENCE**

---

### **Abstract**

The university environment is a space for learning, relationships, interactions, exchanges, and searches that occur in person and virtually. However, it is also a place of negative experiences such as cyberbullying. It is a type of aggression that occurs via the internet or communication devices, affecting students in multiple ways. We identified it essential to understand, face, and prevent it in educational spaces, including higher education. Our objective was to describe the frequency and severity of cyberbullying victimization types, determine if individual variables (such as gender, ethnicity/race, sexual affective identity, year of enrollment, and perception of discrimination) and contextual variables (such as institutional embracement of diversity) predict the occurrence of cyberbullying victimization, and discuss the implications for ethical coexistence in the university environment. The study included 1292 undergraduate students from a public education institution in Brazil, with an average age of 23.75 (SD = 6.97). The participants were 58.4% female, 87.2% heterosexual, and 63.2% white. The scale is a self-report instrument with four items that assess situations of systematic victimization via the Internet or digital media, seven items on the perception of discrimination by people in the institution, four items that assess the perception of situations of violence committed by professors or other employees of the institution, 15 these items that verify university students' perception of institutional embracement of diversity, and a sociodemographic questionnaire. We identified that jokes and

rumors on social networks, followed by practices of exclusion from social networks, are the most frequent cyberbullying practices among university students. Also, we highlighted the variables of prior discrimination, victimization by professors and technicians, gender and year of admission as predicting the occurrence of victimization by cyberbullying. Finally, we emphasize the importance of successful institutional actions to promote ethical coexistence in university contexts, intending to overcome cyberbullying.

**Keywords:** Violence. Prevalence. Predictors of cyberbullying. Discrimination. University.

## Introdução

O ambiente universitário presencial e virtual se entrecruzam no cotidiano, trazendo à tona a necessidade de desenvolver aportes à psicogenética capazes de explicar o desenvolvimento humano cognitivo e relacional nestes meios. Na temporalidade mais recente, a internet abre um mundo de possibilidades, diminui distâncias e conecta informações e pessoas (CALIXTO; LUZ-CARVALHO; CITELLI, 2020). Aprendizagens, relações, interações, trocas, buscas por informações acontecem tanto no presencial quanto no virtual. Embora sejam ambientes ricos e propícios para o desenvolvimento dos sujeitos, este hibridismo entre real e virtual também abre espaço para a ocorrência de novas formas de violências, como o *cyberbullying*. Por essa razão, é difícil pensar a formação (intelectual, social, emocional e moral) de estudantes universitários, sem pensar nas suas relações nestes dois espaços (BOZZA; VINHA, 2017).

Isto é fundamental, pois, o sujeito conhece o mundo em um processo de criação ativa, em que toda a aprendizagem se dá a partir da ação do sujeito

sobre os objetos (PIAGET, 1936/1978). Deste modo, um hibridismo entre realidade e virtualidade incide em nossas possibilidades de compreensão do desenvolvimento piagetiano, posto que os sujeitos são intelectualmente ativos, constroem seus conhecimentos sobre a ação, não sendo apenas restritos à atividade observável. O sujeito, para Piaget, compara, exclui, categoriza, coopera, formula hipóteses e as reorganiza, também em ação interiorizada (BECKER, 2019). Em razão dessas dinâmicas próprias do desenvolvimento do sujeito piagetiano é possível inferir que a agência da assimilação e acomodação para equilíbrio cognitiva nas novas forma de violências, como o *cyberbullying*, também incidam em expressões específicas a serem compreendidas em sua devida temporalidade. Especificamente, no desenvolvimento moral, cabendo ao educador compreender essas novas dinâmicas, a fim de lidar com diferentes situações de conflitos que interseccionam as agressões e vitimizações por *cyberbullying* no espaço educacional (MENIN, 2019; ZECHI; FRICK; MENIN, 2021).

O *cyberbullying* é um tipo de agressão que ocorre via internet ou aparelhos de comunicação. Pode ser realizado via computador, *tablet*, *SMS*, mensagem de texto e/ou aplicativos. O *cyberbullying* também acontece em mídias sociais, fóruns ou jogos em que os usuários podem ler, interagir ou trocar materiais e mensagens entre si (OLWEUS, 2012). As agressões, que são intencionais, podem acontecer no espaço educacional e/ou fora dele, a qualquer momento. O autor das agressões, que nem sempre é conhecido (dado a possibilidade do anonimato) está, ao menos momentaneamente, em situação de maior poder que seu alvo (SMITH; DEL BARRIO; TOKUNAGA, 2012; PATCHIN; HINDUJA, 2015). Além disso, as agressões são repetidas, seja pelo autor que as faz mais de uma vez, ou pela possibilidade de múltiplos acessos (visualizações e compartilhamentos) que os meios de tecnologia da comunicação permitem (SMITH, 2012).

As práticas comuns de *cyberbullying* envolvem enviar, carregar ou espalhar material ofensivo, desagradável, destrutivo, enganoso ou humilhante sobre (ou para) outra pessoa, que é vitimizada, seja via mensagens de texto, áudio e/ou vídeo, ou excluí-la de grupos, por exemplo (MYERS; COWIE, 2019). Compartilhar informações privadas ou confidenciais também é considerado *cyberbullying*, consistindo em um tipo de agressão que pode resultar em vergonha ou humilhação à vítima (PELED, 2019). Em situações extremas de violação e agressão por meio de *cyberbullying*, o autor pode incidir em comportamento considerado como fato criminoso pela lei, como em situações de envio ou compartilhamento de imagens ou vídeos de natureza íntima ou sexual sem o consentimento da vítima (BRASIL, 2018), o que torna essencial compreendê-lo, tratá-lo e preveni-lo nos espaços educacionais (SOUZA et al., 2022).

A violência por *cyberbullying* ocorre com mais frequência em plataformas de mídia social como *Tik Tok*, *Facebook*, *Instagram* e *Snapchat*, seja por meio de microcomputadores, dispositivos móveis ou *tablets*. Também está presente em aplicativos de mensagens, bate-papo *on-line*, mensagens diretas e indiretas, identificadas ou anônimas, em que há troca de informações entre pessoas no digital (OLWEUS, 2012). Há também a existência de *cyberbullying* em grupos digitais que frequentam ciberespaços compartilhados como fóruns, salas de bate-papo, quadros de mensagens na internet, como o *Reddit*, jogos online e listas de e-mails em grupos. Quanto maiores as possibilidades de interação entre os usuários e troca de mensagens, maiores tendem a ser as possibilidades de ocorrência e o impacto de vitimização por *cyberbullying* (MYERS; COWIE, 2019).

Estudos mostram sua ocorrência entre universitários no Brasil e internacionalmente. É crescente o número de pesquisas sobre *cyberbullying* com estudantes do ensino superior em muitos países (KIM; LEE; GAGNE, 2020; MARTÍNEZ-MONTEAGUDO et al., 2020; MYERS; COWIE, 2019; RESETT; PUTALLAZ,

2018; SHAIKH; REHMAN; AMIN, 2020; SOUZA *et al.*, 2018). Desfechos trágicos relacionados à violência e à saúde mental universitária em paralelo ao *cyberbullying* aumentam a preocupação sobre a temática nas universidades. As instituições educacionais e pesquisadores estão trabalhando para entender como o fenômeno afeta de múltiplas formas os estudantes universitários (SOUZA *et al.*, 2018). Estudos mostram que o *cyberbullying* está ligado a um aumento de problemas psicológicos (MYERS; COWIE, 2018), falta de comprometimento e engajamento estudantil (GAFFNEY *et al.*, 2019), consumo de álcool (KRITSOTAKIS *et al.*, 2017) e outras questões psicológicas relacionadas a um nível elevado de ansiedade (CASTAÑEDA; JIMÉNEZ; ROMERO, 2020; MYERS; COWIE, 2018), depressão (RESETT; PUTALLAZ, 2018) e ideação suicida (BANNINK *et al.*, 2014; HINDUJA; PATCHIN, 2010; SAM *et al.*, 2018).

A dificuldade no enfrentamento ao *cyberbullying* centra-se no dilema existente entre a literatura de *bullying* e *cyberbullying* e as respectivas dinâmicas entre real e virtual (SMITH, 2012). O *bullying* usualmente apresenta maior possibilidade de controle e intervenção pela instituição educacional, tendo em vista a ocorrência presencial na escola ou universidade (FRICK; ZECHI, 2020; OLWEUS, 2012). O *cyberbullying*, por sua vez, pode ser praticado em qualquer lugar que o agressor tenha acesso aos recursos necessários, seja em contextos educativos, lares ou locais públicos (MYERS; COWIE, 2019; SMITH; DEL BARRIO; TOKUNAGA, 2012). Com isso, apesar dos esforços contínuos para prevenção e atuação frente à violência ocasionada pelo *cyberbullying* entre estudantes, a questão permanece como um grave dilema social em nosso tempo (BOZZA; VINHA, 2017; MYERS; COWIE, 2019). Assim, demanda por investigações em contextos diversos, a fim de analisar quais condicionantes desse tipo de violência devem ser focalizados para solucionar a questão.

Enfatizando-se variáveis individuais, estudos anteriores apresentam aquelas que estão relacionadas à vitimização por *bullying* e *cyberbullying*, tais como gênero (GUO, 2016; RESETT; PUTALLAZ, 2018; RONIS; SLAUNWHITE, 2019), ano de ingresso (MUSHARRAF *et al.* 2019; LORENTE; TORT, 2021; RONIS; SLAUNWHITE, 2019) e identidade afetivo-sexual (MYERS; COWIE, 2019; PELLED, 2019; POWELL, SCHOTT; HENRY, 2020). Para além destes fatores, outros estudos mostraram que pessoas não brancas sofreram mais *cyberbullying* que aquelas autodeclaradas brancas (SHI *et al.* 2022). Há estudos que mostram que o *cyberbullying* está associado a outras violências que ocorrem de forma presencial (HEMPHILL; HEERDE, 2014; WATTS *et al.*, 2017). Ainda que em menor ocorrência do que a violência entre pares (e também menos estudado), é possível evidenciar que professores ou outros funcionários da instituição escolar possam vitimizar estudantes, com xingamentos, humilhações e ridicularizações, por exemplo (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2018). Pode-se considerar que estudantes que sofrem violências de colegas no ambiente presencial possam ser alvo de vitimizações no ambiente virtual (HEMPHILL; HEERDE, 2014; WATTS *et al.*, 2017).

Com o foco contexto da instituição educativa poucas evidências são geradas sobre o *cyberbullying*, sendo preciso explorar o efeito desta variável (GUO, 2016). No caso do *bullying*, o acolhimento institucional, especialmente à diversidade (SCHULTZE-KRUMBHOLZ; ITTEL; SCHEITHAUER, 2020), favorece a diminuição desta violência. Por outro lado, é preciso questionar e verificar se o acolhimento institucional também pode vir a prevenir o *cyberbullying*, considerando que no caso deste, a ocorrência em espaços múltiplos e híbridos (entre real e virtual) pode vir a diminuir a possibilidade de mitigação da violência por parte do acolhimento institucional. Isto não significa que as instituições educativas se eximem da responsabilidade de lidar com a prevenção e a contenção do *cyberbullying*, devendo encontrar formas de entrelaçar o nexo entre real e virtual,

a fim de atuar ao limite máximo ao que lhe é cabível, especialmente, com foco na educação para uma convivência ética (ZECHI; FRICK; MENIN, 2021).

Aprender a conviver e a relacionar-se com os outros é um imperativo da tarefa do educador e da instituição educacional em todos os níveis, incluindo o ensino superior (FRICK; ZECHI, 2020; TROMBINI-FRICK; ZECHI; STELKO-PEREIRA; CORTEZ, 2022). Está presente nas normativas e regulamentações educacionais (BRASIL, 1996; BRASIL, 2017), bem como no aporte piagetiano em que as condições de autorregulação e desenvolvimento se associam intimamente ao desenvolvimento moral (PIAGET, 1932/1994). Assim, o enfrentamento a este tipo de violência perpassa o plano individual (compreender quais sujeitos focalizar para prevenir e atuar frente ao *cyberbullying*) e coletivo (apreender quais práticas institucionais e sociais e valores podem favorecer o desenvolvimento moral em múltiplos contextos). Apesar deste entrelaçamento, é comum que as instituições educacionais (escolas e universidades) ainda desconsiderem esse fato, externalizando a responsabilidade de manejo sobre o *cyberbullying*, enquanto deveriam incorporar em suas agendas aquilo que é cabível à educação: a formação para a convivência ética, a qual contribui para a construção de sujeitos moralmente autônomos e com personalidades éticas (ZECHI; FRICK; MENIN, 2021).

Nesta seara, com base na educação baseada em valores para a convivência ética, busca-se contribuir para a articulação entre saberes individuais e coletivos que podem favorecer a prevenção e a contenção do *cyberbullying* em instituições educativas brasileiras, com recorte ao nível superior. Para tanto, o objetivo deste trabalho foi descrever os tipos de vitimização por *cyberbullying* em função de frequência e gravidade de ocorrência, bem como verificar se as variáveis individuais (gênero, etnia/raça, identidade afetivo sexual, ano de ingresso



no curso e percepção de discriminação) e a variável contextual (acolhimento institucional à diversidade) são preditoras da ocorrência de vitimização por cyberbullying. Pretende-se, ainda, discutir algumas implicações para a educação para a convivência ética no ambiente universitário.

## **Método**

### *Participantes*

O estudo<sup>4</sup> contou com a participação de 1292 estudantes de graduação de uma instituição de ensino público do sul do país, com idade média 23,75 (DP = 6,97). Os participantes compuseram uma amostra significativa do contexto, pois foram oriundos de 15 *campi* da instituição de ensino. Estes participantes se autoidentificaram, em sua maioria, como 63,8% (n = 824) cursando bacharelado, 58,4% (n = 754) do gênero feminino, 87,2% (n = 1127) heterossexuais e 63,2% (n = 817) brancos.

### *Instrumentos*

- Questionário de *Cyberbullying*: com quatro itens que avaliam o quanto os estudantes percebem situações de vitimização sistemática pela Internet ou meios de comunicação digitais. Estes itens foram adaptados do *Cyberbullying Questionnaire - CBQ* (CALVETE et al, 2010). São exemplos de itens: "Me enviam mensagens ameaçadoras ou insultantes pela internet ou meios de comunicação

---

<sup>4</sup> Este estudo vincula-se ao Projeto "A convivência entre adolescentes e jovens na escola e universidade", coordenado pelas professoras Dra. Loriane Trombini Frick - UFPR e Dra. Juliana Ap. Matias Zechi - IFSP, em parceria com o professor Dr. Josafá Moreira da Cunha - UFPR. O desenvolvimento deste estudo foi firmado via Termo de Cooperação Técnica entre as instituições Universidade Federal do Paraná e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR).

digitais” e “Espalham brincadeiras, rumores ou comentários que me fazem passar vergonha pela internet ou meios de comunicação digitais”. A escala de resposta destes itens é do tipo *Likert* de 5 pontos (sendo 1 - nunca e 5 - sempre).

- Questionário de Percepção de Discriminação: são sete itens inspirados na Escala de Discriminação Explícita (BASTOS *et al.*, 2012) que avaliam o quanto os estudantes se sentem discriminados por pessoas (colegas, professores ou outros servidores) dentro da instituição. São exemplos de itens: “Sinto que sou tratado/a como se fosse pouco inteligente ou incapaz de realizar alguma atividade”, “Sou chamado/a por nomes, apelidos ou palavras das quais não gosto”, “Ao buscar apoio (ex. coordenação etc.), sinto que sou tratado/a de maneira inferior em relação às outras pessoas” e “Sinto que não sou escutado/a ou que tenho minha fala desprezada”. A escala de resposta destes itens é do tipo *Likert* de 5 pontos (sendo 1 - nunca e 5 - sempre).

- Questionário de Vitimização Autoridades: com quatro itens inspirados na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE (IBGE, 2016), que avaliam a percepção de situações de violências cometidas por docentes ou outros servidores/as da instituição. São itens como: “Professor/es faz/em comentários ou brincadeiras que ofendem ou desrespeitam a mim ou a colegas” e “Técnicos/as me ofende/m, intimida/m ou tira/m sarro de modo que me sinto incomodado/a, chateado/a ou humilhado/a. A escala de resposta destes itens é do tipo *Likert* de 5 pontos (sendo 1 - nunca e 5 - sempre).

- Questionário de Acolhimento Institucional à Diversidade: composto por 15 itens que avaliam a percepção dos universitários sobre o quanto o ambiente contextual (atitudes, práticas e comportamento) é acolhedor à diferentes grupos de estudantes, como estudantes com deficiência, mulheres, de minorias étnico-raciais, gays, lésbicas ou bissexuais ou estudantes com crenças e origens

religiosas não-cristãs, por exemplo. Os itens foram inspirados no instrumento *Climate for Diverse Groups* (HUTCHINSON; RAYMOND; BLACK, 2008). A escala de resposta destes itens é do tipo *Likert* de 5 pontos (sendo 1 - muito hostil e 5 - muito acolhedor).

- Questionário Sociodemográfico: criado pela equipe de pesquisadores responsáveis pela pesquisa, o instrumento avalia diferentes características dos participantes, como ano de ingresso no curso, modalidade do curso, idade, identidade de gênero, identidade afetivo-sexual e cor ou raça.

### *Procedimentos*

Os dados foram coletados via questionário *online*, pela plataforma *Li-meSurvey*, de forma presencial. Como dito, este estudo é um recorte de uma pesquisa maior. Os itens compunham um questionário amplo, que avaliava outros aspectos da convivência escolar. Para aplicação, cada campus tinha uma equipe instruída pela equipe de pesquisadores/as que apresentou a pesquisa aos estudantes. Para responder ao questionário os/as estudantes utilizaram os computadores disponíveis em sala de aula (a maioria das salas é equipada com computadores individuais) ou nos laboratórios de informática. Após apresentar os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa, via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), os/as estudantes puderam manifestar seu consentimento (ou recusá-lo) e participar da pesquisa. Para estudantes menores de idade, os TCLE foram enviados aos/às responsáveis. A participação foi voluntária, somente sendo considerados participantes aqueles que assinaram o TCLE ou o TALE. O tempo de resposta foi de cerca de 20 minutos. Ressalta-se que a pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº 3.602.418).

### *Análise dos dados*

Os dados foram analisados por meio do Software Estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) (versão 21). Foram realizadas estatísticas descritivas (frequência, média e desvio padrão) e inferenciais (regressão linear múltipla). No uso da regressão linear múltipla foram inspecionados os requisitos de linearidade dos dados por averiguação visual, os resíduos dos dados por gráfico do tipo Q-Q e a multicolineariedade pelo valor de  $VIF < 2,0$ . O método de entrada foi do tipo *forward* com todas as variáveis inseridas em um único bloco e peso equitativo. As recomendações descritas foram implementadas em conformidade à literatura da área para uso deste tipo de análise (SEBER; LEE, 2012).

### **Resultados**

Identificaram-se tipos de ocorrências de vitimização por *cyberbullying* entre os estudantes da amostra de nível superior investigada. As ocorrências mais comuns foram as brincadeiras e rumores em redes sociais ( $M = 1,19$ ;  $DP = 0,64$ ) e a exclusão de redes sociais como o WhatsApp, por exemplo ( $M = 1,18$ ;  $DP = 0,63$ ). Em seguida, a vitimização por *cyberbullying* se manifestou nesta amostra por meio de mensagens ameaçadoras ou insultantes pela internet ( $M = 1,12$ ;  $DP = 0,50$ ). A forma menos comum de *cyberbullying* identificada na amostra foi a publicação de mensagens em larga escala com o intuito de humilhar a pessoa alvo da violência ( $M = 1,11$ ;  $DP = 0,49$ ). A descrição dos tipos de vitimização por *cyberbullying* na amostra foi sintetizada na Tabela 1.

**Tabela 1.***Descrição dos tipos de vitimização por cyberbullying*

Itens	Média	Desvio Padrão	Mín.	Máx.
Me enviam mensagens ameaçadoras ou insultantes pela internet ou meios de comunicação digitais.	1,12	0,50	1	5
Publicam ou enviam mensagens minhas que podem me humilhar pela internet ou meios de comunicação digitais.	1,11	0,49	1	5
Espalham brincadeiras, rumores ou comentários que me fazem passar vergonha pela internet ou meios de comunicação digitais.	1,19	0,64	1	5
Me excluíram de propósito de um grupo em uma rede social (WhatsApp, Facebook etc.).	1,18	0,63	1	5

Fonte: Elaboração própria

Em relação à percepção de frequência e gravidade da ocorrência de vitimização por *cyberbullying*, verificou-se que a maior parte dos estudantes declararam não ter sofrido este tipo de agressão. Entre 90,2% e 93,8% afirmaram nunca terem vivenciado vitimização por *cyberbullying*. As ocorrências de menor vulto abrangeram entre 5,0% e 7,6% dos estudantes universitários que declararam ter vivenciado vitimização por *cyberbullying* raramente ou algumas vezes. A vivência com maior gravidade e frequência de vitimização por *cyberbullying* foi declarada entre 1,1% e 2,3% dos estudantes na amostra investigada, os quais afirmaram que sempre são alvos deste tipo de agressão, conforme Figura 1.

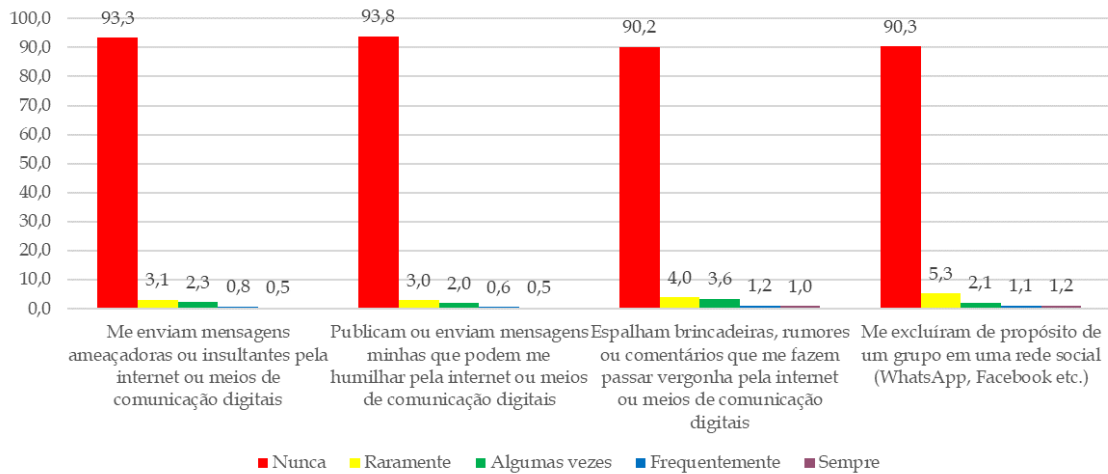


Figura 1. Percepção de frequência e gravidade de ocorrência de vitimização por *cyberbullying* na amostra.

Fonte: Elaboração própria.

Com o intuito de verificar se as variáveis individuais (gênero, etnia/raça, identidade afetivo sexual, ano de ingresso no curso e percepção de discriminação) e a variável contextual (acolhimento institucional à diversidade) são preditoras da ocorrência de vitimização por *cyberbullying* entre estudantes universitários foi realizada uma análise de regressão linear múltipla. As variáveis individuais (gênero, etnia/raça, identidade afetivo sexual, ano de ingresso no curso e a percepção de discriminação prévia) e a variável contextual (acolhimento institucional à diversidade) foram testadas como antecedentes da ocorrência de vitimização por *cyberbullying* no modelo de regressão proposto. Os resultados do modelo de regressão demonstraram haver uma influência significativa das variáveis individuais na vitimização por *cyberbullying* ( $F(4, 1287) = 128,503, p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,283$ ), sendo o efeito da variável contextual institucional negligenciável no caso do *cyberbullying*. A Tabela 2 apresenta os coeficientes para todos os preditores significativos.

Tabela 2.

*Variáveis preditoras de vitimização por cyberbullying*

Preditores	Coeficientes padronizados	<i>t</i>	Sig.	<i>R</i> <sup>2</sup>	<i>DR</i> <sup>2</sup>
	<i>Beta</i>				
(Constant)	-	8,749	0,000	-	-
Discriminação prévia	0,466	-16,548	0,000	0,267	-
Vitimização por docentes e técnicos	0,118	5,867	0,000	0,276	0,009
Gênero	0,070	5,384	0,003	0,281	0,006
Ano de ingresso	-0,057	1,998	0,018	0,283	0,003

Fonte: Elaboração própria.

Conforme pode ser visto, a variável que impactou os níveis de vitimização por *cyberbullying* com maior força foi a ocorrência de discriminação prévia, sendo responsável por explicar sozinha 27% do desfecho de violência analisado. As demais variáveis, por sua vez, estiveram relacionadas com apenas 1,8% da variância de vitimização de *cyberbullying*, abrangendo a vitimização por docentes e técnicos, gênero e ano de ingresso. As variáveis identidade afetivo-sexual ( $B = -0,014$ ,  $t = -0,573$ ,  $p = 0,566$ ), etnia/raça ( $B = 0,013$ ,  $t = 0,567$ ,  $p = 0,571$ ) e acolhimento institucional à diversidade ( $B = -0,045$ ,  $t = -1,830$ ,  $p = 0,067$ ) não apresentaram impacto significativo. Os achados identificados foram discutidos pontualmente a posteriori, com o intuito de fomentar uma agenda teórico-prática em instituições educativas de nível superior para enfrentamento do *cyberbullying* entre estudantes universitários.

## Discussão

Este trabalho objetivou descrever os tipos de vitimização por *cyberbullying* em função de frequência. Verificaram-se as ocorrências de *cyberbullying* mais frequentes por meio de brincadeiras e rumores em redes sociais, seguidas de práticas de exclusão de redes sociais como o *WhatsApp*. Houve em menor vulto a vitimização por *cyberbullying* que se manifestou nesta amostra por meio de mensagens ameaçadoras ou insultantes pela internet e publicação de mensagens em larga escala com o intuito de humilhar a pessoa alvo da violência interpelada por meio digital. Buscou também compreender quais variáveis individuais e contextual se mostraram preditoras da ocorrência de vitimização por *cyberbullying*. A variável contextual de acolhimento institucional à diversidade não se mostrou significativa, sendo ressaltada a relevância das variáveis individuais discriminação prévia, vitimização por docentes e técnicos, gênero e ano de ingresso na predição da ocorrência de vitimização por *cyberbullying*.

## Prática psicopedagógica do *cyberbullying* no cotidiano universitário

As ocorrências destacadas pelos estudantes demonstram que o *cyberbullying* acessa um ambiente híbrido, cujo disparo das vinculações entre estudantes inicia-se no compartilhamento de contatos e interações presenciais, mas ultrapassam a presencialidade na ocorrência da vitimização. Estudantes trocam informações de contato que depois são utilizados para disparar principalmente brincadeiras e rumores como prática central do *cyberbullying*. O destaque ao uso de aplicativo para realizar tal prática desperta a necessidade de produções sobre políticas de privacidade e segurança nesses instrumentos, compreendendo-se que parte do processo de regulação deve responsabilizar e perpassar as *big techs* de redes sociais e mensageiros instantâneos na prevenção e manejo do *cyberbullying*. Nos casos de vitimização de alta gravidade a justiça estabelece formas reparativas para acesso e controle via *big techs*, o que pode indicar caminhos regulatórios



a serem aplicados de forma preventiva por essas corporações. Neste processo, para a prevenção da violência por *cyberbullying*, a educação tem papel central, considerando os professores e a comunidade escolar como agentes multiplicadores capazes de reivindicar e despertar para os níveis legislativos e corporativos essas demandas (FRICK; ZECHI, 2020).

Para além das questões supracitadas, a atuação dos professores, supervisores e familiares deve ser conjunta e implicada com a realidade multifacetada que perpassa o *cyberbullying*. O acompanhamento parental e escolar ativo e dialógico ao estado afetivo, cognitivo e desenvolvimento moral do estudante se apresenta como recurso a ser implementado na atuação frente aos estudantes que vivenciam o *cyberbullying* (FRICK; ZECHI, 2020). No entanto, diferentemente dos casos de *bullying* em que a violência explícita dispara a atuação, no caso do *cyberbullying* a prática deve ocorrer de forma preventiva e recorrente, tendo em vista que a violência interpelada no digital pode ser silenciosa, velada e implícita (MYERS; COWIE, 2019; SMITH; DEL BARRIO; TOKUNAGA, 2012). Exemplifica esse tipo de prática o uso conjunto das redes aos estudantes entre familiares, professores e outros membros da comunidade escolar. O acesso aos dispositivos de forma ética, consentida e negociada possibilita a imersão ao mundo nativo dos estudantes digitalizados, possibilitando apreender as formas de expressão, assimilação, acomodação e ajustamento nesse espaço. É por meio da convivência conjunta no mundo híbrido que os professores, supervisores e a própria família podem ter acesso ao verbal, não verbal, aos códigos e valores do tempo para agir de forma a prevenir e orientar os estudantes. Para tanto, o desafio está em superar a mentalidade docente de que os estudantes devem desligar as telas, ao passo que o fundamental seria integrá-las e acompanhá-las em tempo oportuno dentro da escolarização e desenvolvimento regular do estudante.

Um desafio importante a ser mediado na imersão do digital envolve a necessidade de formação continuada, apoio psicopedagógico e saúde mental à comunidade escolar de forma expandida. Ao docente a formação continuada tem efeito positivo na aplicação de práticas cooperativas utilizando-se de recursos tecnológicos no espaço escolar, a fim de que o digital tenha vez. Também pode ser usada para a construção das competências necessárias ao uso e manejo do digital de forma proficiente, considerando as assimetrias tecnológicas reveladas pela pandemia. Por um lado, ecoaram as necessidades docentes de formação em novas ferramentas tecnológicas (FRICK *et al.*, 2021). Por outro lado, acompanhou este eco a descoberta de potencialidade para acomodação dos instrumentos digitais pelos docentes que se fazia desconhecida e subestimada. O docente pode incorporar o uso de novas tecnologias desde que sensibilizado de que são necessárias ao desenvolvimento do estudante e pleno exercício da prática educacional.

Em relação ao apoio psicopedagógico, no caso do *cyberbullying*, é estratégico para os gestores responsáveis pela formação docente e mediação cotidiana com os professores, a sensibilização recorrente de que esta violência é multideterminada, mas também tem vetor disparador por meio do espaço educacional. A apresentação das estatísticas de incidência e prevalência da prática na localidade, bem como os desfechos negativos que podem ser prevenidos se os docentes atuarem na imersão digital de modo a favorecer a dignidade e bem-estar estudantil na proteção contra o *cyberbullying* se apresentam como potenciais recursos. Adicionalmente, o espaço de escuta, negociação e mediação dos casos de forma pontual também se faz preciso no espaço psicopedagógico que previne e trata a ocorrência do *cyberbullying*. O desafio nessa prática ocorre pelo achatamento da carga horária, acumulação de tarefas e precarização do trabalho docente em diferentes instâncias, incluindo o suporte psicopedagógico (FRICK, 2019). Para tanto, o uso de mediações grupais reflexivas, o estabelecimento de

contratos com as turmas, a indicação de monitores para suporte social entre estudantes, docentes e familiares pode vir a ser implementado. O fundamental desta prática está na sinergia e representatividade daqueles que farão parte dos grupos, contratos e monitorias.

No caso de desenvolvimento dos grupos de suporte social entre pares (MYERS; COWIE, 2019), sugerem-se indicações preliminares de condução de grupos. Os grupos devem ter objetivo comum associado ao *cyberbullying* e o contrato grupal deve ser negociado entre os participantes, a fim de que seja a meta de trabalho do grupo. No caso do êxito grupal na tarefa, a indicação de monitores deve ocorrer pelo próprio grupo, a fim de que o representante tenha legitimidade para mediação e solução dos conflitos em vez de simples delação e expiação. Nos casos em que os preceitos acima não são respeitados, há chances de maximização do conflito anteriormente inscrito no *cyberbullying* à realidade escolar, tendo como desfecho piora no clima universitário, nas relações entre pares e conflitos explícitos neste contexto, que perpassa desde o *bullying* até ocorrências de agressão física. Em casos exitosos ressalta-se que os grupos também tendem a ofertar suporte à saúde mental dos participantes, podendo ser alternativa para a condução de casos leves no ambiente institucional.

### **Monitoramento do *cyberbullying* em instituições de nível superior**

Para além dos aspectos retratados até então, os quais tratam sobre as práticas a serem implementadas no cotidiano universitário, faz-se preciso avançar em ações que inspirem as instituições de nível superior a lidar com a questão para além do cotidiano. A observação das indicações propostas no modelo explicativo de predição da ocorrência de *cyberbullying* pode inspirar a prática de enfrentamento a esta violência de forma exitosa no formato de observatório institucional. Inicialmente, é preciso destacar que o fato da variável contextual de acolhimento institucional à diversidade não se mostrar relevante retoma o dilema

associado à atenção ao *cyberbullying*, em que o acolhimento realizado puramente no âmbito institucional presencial pode ser insuficiente. O *cyberbullying* é disparado pela presencialidade do contexto universitário, mas não se restringe a este espaço.

Desta forma, as ações contextuais a serem examinadas de forma preemente na literatura quanto à pertinência teórico-prática abrangem acolhimento institucional híbrido (presencial e digital) e de forma expandida (estudantes, familiares e apoio social). A dificuldade que se encontra nesta prática está na operacionalização, dada a necessidade de articulação em contextos multideterminados, o que requer maior fundamentação em termos de políticas e práticas específicas territoriais, especialmente no que tange às políticas nacionais de saúde mental do SUS (Sistema Único de Saúde) e serviço social do SUAS (Sistema Único de Assistência Social). A compreensão da universidade como dispositivo territorial da realidade expandida do sujeito se faz preciso para que o nexo híbrido e multideterminado do *cyberbullying* possa ser integrado adequadamente na oferta de acolhimento ao estudante universitário.

Estabelecidos os dilemas próprios da contextualização, enfatizam-se as questões relacionadas às variáveis individuais. É preciso anterior à discussão dessas variáveis uma nota técnica aos pesquisadores e educadores que dialogam com esta produção. De forma mais compreensível, compartilha-se que o modelo de regressão utilizado se apresenta como uma foto das variáveis inseridas, a fim de destacar aquelas com maior relevância quando consideradas de forma conjunta. A justificativa de escolha das variáveis se faz a priori por interesse do pesquisador em função dos problemas a serem equacionados mediante consulta prévia ao estado da arte da temática em análise. Entre as variáveis individuais selecionadas para o modelo em questão salientaram-se aquelas com maior nexo teó-

rico-prático com vitimização em bullying e *cyberbullying*, especificamente discriminação prévia, vitimização por docentes e técnicos, gênero, ano de ingresso, além de variáveis associadas às minorias e populações vulneráveis presente na amostra investigada (identidade afetivo-sexual, etnia/raça).

Com base no modelo proposto as variáveis individuais com menor importância na observação do *cyberbullying* foram identidade afetivo-sexual e etnia/raça, o que requer maior explicação. A ocorrência de violência no âmbito universitário e no contexto social expandido para minorias é prevalente, sendo reafirmada por diferentes estudos. Neste sentido, o modelo proposto não afirma que esta população não sofra por vitimização de *cyberbullying*, pois seria contraditório com a realidade apresentada em nossas instituições. O avanço proposto pelo modelo apresentado no estudo está no encadeamento lógico das relações entre ocorrência de vitimização por *cyberbullying* entre universitários. Em um ordenamento de importância, em vez de maior foco na observação de minorias, deve se enfatizar a ocorrência de discriminação prévia. Isso significa dizer que a vitimização por *cyberbullying* pode ocorrer em populações vulneráveis e não vulneráveis de universitários, mas seu principal marcador para observação como política institucional está na presença de ocorrência de discriminação prévia.

Esse achado segue os indicativos da literatura de que o *cyberbullying* possa vir a ser um método complementar de violência aos maus-tratos cotidianos. Especialmente nos casos em que a instituição resguarda a segurança no espaço institucional para a prevenção do *bullying*, o anonimato e aparente impunidade das redes fazem emergir as dificuldades de desenvolvimento moral e convivência ética do estudante no digital. Isso implica necessidade de avanço na teorização de equilíbrio cognitiva de Piaget e os respectivos reflexos no desenvolvimento moral, considerando maior relacionamento contextual com as nor-

mas sociais e institucionais que vem sendo tratada em correntes psicossociológicas desde o final da década de 1990 em contexto internacional e, mais recentemente, próximo ao período de 2010 e posterior na literatura brasileira. O sujeito que compreende e regula a si mesmo nas interações presenciais para suprimir o *bullying*, age de forma distinta no digital imputando vitimização por *cyberbullying* aos colegas. Uma nova apreensão do sujeito piagetiano nas interfaces dilemáticas entre presencial e digital se faz preciso às elaborações dos problemas que perpassam a universidade e a educação de forma expandida ao nosso tempo.

Outras variáveis que o modelo apresentou como relevante para observação da ocorrência de *cyberbullying* na instituição diz respeito à vitimização feita por docentes e técnicos, o que converge com a literatura (ALBUQUERQUE; WILLIAMS, 2018). O desenvolvimento moral não segue de forma plena nossa expectativa de ciclo vital de forma linear e contínua, sendo passível de expressão em maior ou menor desenvolvimento - por meio de ação violenta - entre diferentes atores sociais. A dificuldade da observação da violência praticada por docentes e técnicos pode vir a ser solucionada com a efetiva recepção dessas demandas de forma anônima que são usualmente suprimidas por medo de retaliação. Práticas de conselhos de segurança e direitos humanos têm sido exitosas em espaços universitários, apesar de dilemas associadas à retaliação por denúncias falsas, que podem ocorrer, mas não gerar prejuízos por não serem fundamentadas de forma factível e se apresentarem de forma menor em comparação aos fatos reais.

Enfatizando-se a variável ano de ingresso, o modelo contribui para as ações de observação institucional aos calouros. Estudantes com menor tempo de convivência na universidade tendem a ser mais vulneráveis para a ocorrência de vitimização por *cyberbullying*, o que indica a manutenção de ações voltadas à prevenção dos trotes, por exemplo. Outro efeito a ser considerado sobre o ano de

ingresso diz respeito às diferenças geracionais. Estudantes mais jovens apresentam maior nível de uso das redes sociais, o que deve ser investigado quanto ao tempo de exposição e envolvimento ao digital e o *cyberbullying*. O mesmo se aplica para a variável gênero, em que mulheres foram representadas como significativas no modelo investigado. As diferenças entre gêneros e a existência de uma cultura patriarcal que fomenta a misoginia como marco macrosocial é potencialmente explicativa dessa diferença, em que o desenvolvimento moral passa a fazer concessões à ética na convivência entre homens e mulheres, possibilitando que ações violentas como o *cyberbullying* atinjam com maior intensidade as mulheres em comparação aos homens. Isto não quer dizer que exista um perfil típico de vitimização por *cyberbullying*, mas que o comportamento de uso da rede em tempo e maior representação de si nas redes sociais como mulher podem vir a inspirar a observação e prevenção do *cyberbullying* em função de aspectos individuais modelados. Uma síntese das formas de observação do *cyberbullying* é sintetizada na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3.

*O que nosso modelo permite compreender sobre o cyberbullying na amostra investigada?*

TEM MAIOR POTENCIAL NAS AÇÕES DE INTERVENÇÃO	TEM MENOR POTENCIAL NAS AÇÕES DE INTERVENÇÃO
Foco em população-chave vitimizada por outras violências (efeito grande)	Foco exclusivo por identidade étnico-racial (efeito inconsistente)
Intervenção para prevenção da violência realizada por docentes e técnicos (efeito moderado)	Foco exclusivo por identidade afetivo-sexual (efeito inconsistente)
Foco em estudantes com menor tempo de ingresso - calouros (baixo efeito)	Acolhimento institucional à diversidade (efeito inconsistente)
Foco em pessoas que se autodeclararam mulheres (baixo efeito)	

Fonte: Elaboração própria.

### Considerações finais

Com guisa à conclusão é fundamental retomar a questão central deste estudo, a saber, repercutir implicações para a educação para a convivência ética no ambiente universitário por meio do referencial de desenvolvimento moral piagetiano. A consecução dos objetivos da investigação que demonstram a ocorrência de vitimização de *cyberbullying* entre estudantes universitários de formas variadas em hibridismo presencial e digital e as intersecções que essas categorias fazem ao desenvolvimento moral salientam a necessidade de findar as dicotomias e buscar uma teorização de equilíbrio cognitiva e desenvolvimento moral que ocorra ao mundo em que os universitários se inserem e se desenvolvem atualmente. Para tanto, a maior apreensão dos desdobramentos individuais e contextuais resultantes da efetiva inserção da comunidade educacional no ambiente



digital, enquanto a universidade se mantém no território presencial, precisam ser incorporadas.

Nessa perspectiva, o aporte da convivência ética, cuja fundamentação da educação é baseada em valores morais, pode vir a se apresentar como oportuno no referenciamento das ações discutidas para atuação psicopedagógica do *cyberbullying* no cotidiano universitário e monitoramento do *cyberbullying* em instituições de nível superior. A íntima relação entre valores - que conduzem as ações dos sujeitos em diferentes contextos - e normas sociais - que regulam as ações dos sujeitos em diferentes contextos - estabelece o nexos recursivo necessário de compreensão do desenvolvimento moral capaz de contextualizar em perspectiva territorial e expandida a intervenção do *cyberbullying* com os procedimentos supradescritos. A vivência de valores morais como o respeito e a solidariedade, na universidade, auxiliaria na prevenção de discriminações e, consequentemente, na prática do *cyberbullying*.

Em síntese, ainda que as alternativas apresentadas tentem abarcar o maior nível de bem-estar, suporte psicossocial e saúde mental aos estudantes e para a comunidade escolar, somente o efetivo desenvolvimento moral para convivência ética por parte dos universitários de forma autogerada, reflexiva e autônoma poderá assegurar a plena superação do *cyberbullying* dos contextos universitários e educacionais de forma geral. Destaca-se que os estudos sobre programas de intervenção ao *cyberbullying* no contexto universitário ainda são incipientes se comparada a ampla literatura existente ao fenômeno no ambiente escolar (ensino fundamental e médio). Por isso, estudos futuros precisam ser desenvolvidos a fim de ampliar o aporte que poderá subsidiar ações de políticas públicas educacionais para este público.

Por último, entre as limitações do estudo é possível destacar a possibilidade de generalização dos resultados ao público informado, o que se afirma como um cuidado teórico metodológico e ético às tendências generalizantes dos pressupostos sobre os quais as elaborações deste texto foram geradas. Com o intuito de superar essas limitações, a busca por novas variáveis, potenciais explicações e produções de críticas aos resultados encontrados por outros pares é altamente produtiva. Uma nova teorização e aplicação dos conhecimentos aos nossos tempos requer assumir os dilemas morais e metodológicos como caminho recursivo de desenvolvimento moral e aprimoramento contextual à educação em todos os níveis, aos educadores e aos pesquisadores que, reciprocamente, também se questionam sobre as bases de equilíbrio e poder do próprio saber e das práticas de se produzir e difundir o conhecimento.

## Referências

ALBUQUERQUE, P. P.; WILLIAMS, L. C. de A. "Minha pior experiência escolar": Caracterização retrospectiva da vitimização de estudantes. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 23, n. 2, p. 133-144, jun. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20180014>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

BANNINK, R. *et al.* Cyber and traditional bullying victimization as a risk factor for mental health problems and suicidal ideation in adolescents. **PloS one**, v. 9, n. 4, p. e94026, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0094026> Acesso em: 25 jan. 2023.

BASTOS, J. L. *et al.* Explicit discrimination and health: development and psychometric properties of an assessment instrument. **Revista de Saúde Pública**, v. 46, p. 269-278, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102012000200009> Acesso em: 14 out. 2022.

BECKER, F. Piaget & Freire; epistemologia e pedagogia. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 11, p. 25-53, 2019.

BOZZA, T. C. L.; VINHA, T. P. Quando a violência virtual nos atinge: os programas de educação para a superação do cyberbullying e outras agressões virtuais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 12, n. 3, p. 1919-1939, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21723/riaee.v12.n.3.2017.10369>. Acesso em 9 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13718**, de 24 de setembro de 2018. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro, tornar pública incondicionada a natureza da ação penal dos crimes contra a liberdade sexual e dos crimes sexuais contra vulnerável, estabelecer causas de aumento de pena para esses crimes e definir como causas de aumento de pena o estupro coletivo e o estupro corretivo; e revoga dispositivo do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13718.htm). Acesso em: 13 fev. 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 01 jul. 2020.

BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Publicação. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 01 jul. 2020.

CALIXTO, D.; LUZ-CARVALHO, T. G.; CITELLI, A. David Buckingham: a Educação Midiática não deve apenas lidar com o mundo digital, mas sim exigir algo diferente. **Comunicação & Educação**, v. 25, n. 2, p. 127-137, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/182270> . Acesso em: 9 fev. 2023.

CALVETE, E. *et al.* Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors' profile. **Computers in Human Behavior**, v. 26, n. 5, p. 1128-1135, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.017>. Acesso em: 15 mar. 2023.

CASTAÑEDA, R. C.; JIMÉNEZ, E. V.; ROMERO, H. C. C. Variables individuales y sociales em estudiantes universitarios ciberacosadores. **Dilemas contemporáneos: educacion, política y valores** v. 8, n. 5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46377/dilemas.v8i.2502> h. Acesso em: 9 fev. 2023.

FRICK, L. T. *et al.* AÇÕES FORMATIVAS PARA DOCENTES EM TEMPOS DE PANDEMIA. **e-Mosaicos**, v. 10, n. 25, p. 177-192, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2021.58842>. Acesso em: 13 fev. 2023.

FRICK, L. T.; ZECHI, J. A. M. Bullying entre estudantes universitários. *In: Bullying perspectivas e propostas nacionais de intervenção*. Org. GOMIDE, P. I. C.; STELKO-PEREIRA, A. K. Curitiba: Juruá, 2020.

FRICK, L. **Prevenção e contenção do bullying escolar: ações governamentais no Brasil e na Espanha**. Curitiba, Paraná: CRV, 2019.

GAFFNEY, H. *et al.* Are cyberbullying intervention and prevention programs effective? A systematic and meta-analytical review. **Aggression and violent behavior**, v. 45, p. 134-153, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.07.002> Acesso em: 13 fev. 2023.

GUO, S. A meta-analysis of the predictors of cyberbullying perpetration and victimization. **Psychology in the Schools**, v. 53, n. 4, p. 432-453, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/pits.21914> Acesso em: 13 fev. 2023.

HEMPHILL, S. A.; HEERDE, J. A. Adolescent predictors of young adult cyberbullying perpetration and victimization among Australian youth. **Journal of Adolescent Health**, v. 55, n. 4, p. 580-587, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.04.014> Acesso em: 14 fev. 2023.

HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. Bullying, cyberbullying, and suicide. **Archives of suicide research**, v. 14, n. 3, p. 206-221, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13811118.2010.494133> Acesso em: 14 fev. 2023.

HUTCHINSON, S. R.; RAYMOND, K. J.; BLACK, K. R. Factorial invariance of a campus climate measure across race, gender, and student classification. **Journal of Diversity in Higher Education**, v. 1, n. 4, p. 235, 2008. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/a0014419> Acesso em: 14 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos\\_de\\_coleta/doc4595.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc4595.pdf). Acesso em: 10 nov. 2022.

KIM, S. S.; LEE, J. J.; DE GAGNE, J. C. Exploration of Cybercivility in Nursing Education Using Cross-Country Comparisons. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. v. 17, n. 19:7209, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17197209>. Acesso em: 13 fev. 2023.

KRITSOTAKIS, G. *et al.* Associations of bullying and cyberbullying with substance use and sexual risk taking in young adults. **Journal of nursing scholarship**, v. 49, n. 4, p. 360-370, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jnu.12299> Acesso em: 13 fev. 2023.

LORENTE, L. M.; TORT, E. G. Prevalence of sexting in Young University students: Motivation and perception of risk **Psychology, Society & Education** v. 13, n. 1, p. 99-114, 2021. DOI: Disponível em: <https://doi.org/10.25115/psye.v1i1.3482> . Acesso em: 13 fev. 2023.

MARTÍNEZ-MONTEAGUDO, M. C. *et al.* Relationship between suicidal thinking, anxiety, depression and stress in university students who are victims of cyberbullying. **Psychiatry Research**, v. 286, p. 112856, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112856> Acesso em: 13 fev. 2023.

MENIN, M. S. S. Adesão a valores sociomoraís na contemporaneidade: um estudo com escolares de Ensino Fundamental e Médio. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 11, p. 86-122, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1984-1655.2019.v11esp.05.p86>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MUSHARRAF, S. *et al.* General and ICT Self-Efficacy in Different Participants Roles in Cyberbullying/Victimization Among Pakistani University Students. **Frontiers in psychology** v. 10, n. 1098, 2019. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2019.01098/full>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MYERS, C.; COWIE, E. Cyberbullying across the Lifespan of Education: Issues and Interventions from School to University. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 7, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph16071217> Acesso em: 13 fev. 2023.

OLWEUS, D. Cyberbullying: An overrated phenomenon? **European Journal of Developmental Psychology** v. 9, n. 5, p. 520-538, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17405629.2012.682358>. Acesso em: 13 fev. 2023.

PATCHIN, J. W.; HINDUJA, S. Measuring cyberbullying: Implications for research. **ELSEVIER**, v. 23, p. 69-74, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.05.013> . Acesso em: 13 fev. 2023.

PELED, Y. Cyberbullying and its influence on academic, social, and emotional development of undergraduate students **Heliyon**, v. 5, n. 3, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2019.e01393>. Acesso em: 13 fev. 2023.

PIAGET, J. Os procedimentos da Educação Moral. In: PARRAT, S.; TRYPHON, A. **Sobre a pedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1930/1998.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. Tradução de Elzon Lenardon. São Paulo: Summus, 1932/1994.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1936/1978.

POWELL, A.; SCOTT, A. J.; HENRY, N. Digital harassment and abuse: Experiences of sexuality and gender minority adults **European Journal of Criminology** v. 17, n. 2, p. 199-223, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1477370818788006>. Acesso em: 13 fev. 2023.

RESETT, S.; PUTALLAZ, P. R. Cybervictimización y cyberagresión en estudiantes universitarios: problemas emocionales y uso problemático de nuevas tecnologías **Rev. psicodebate: psicología. cult. soc.** v. 18, n. 02, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2451-66002018000200003&lang=pt](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2451-66002018000200003&lang=pt). Acesso em: 13 fev. 2023.

RONIS, S.; SLAUNWHITE, A. Gender and geographic predictors of cyberbullying victimization, perpetration, and coping modalities among youth. **Canadian journal of school psychology**, v. 34, n. 1, p. 3-21, 2019. Disponível em: <https://us.sagepub.com/en-us/journals-permissions> Acesso em: 13 fev. 2023.

SAM, D. L. *et al.* Cyberbullying victimization among high school and university students in Ghana. **Deviant Behavior**, v. 40, n. 11, p. 1305-1321, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01639625.2018.1493369> Acesso em: 13 fev. 2023.

SCHULTZE-KRUMBHOLZ, A.; ITTEL, A.; SCHEITHAUER, H. The association between in-class cultural diversity with empathy and bullying in adolescence: A multilevel mediation analysis. **International journal of psychology**, v. 55, n. 5, p. 769-778, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/ijop.12700> Acesso em: 13 fev. 2023.

SEBER, G. AF; LEE, A. J. **Linear regression analysis**. John Wiley & Sons, 2012.

SHAIKH, F. B.; REHMAN, M.; AMIN, A. Cyberbullying: A systematic literature review to identify the factors impelling university students towards cyberbullying. **IEEE Access**, v. 8, p. 148031-148051, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1109/ACCESS.2020.3015669> Acesso em: 20 mar. 2023.

SHI, L. *et al.* Racial Discrimination, Mental Health and Behavioral Health During the COVID-19 Pandemic: a National Survey in the United States. **Journal of General Internal Medicine** v. 37, p.2496-2504, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11606-022-07540-2>. Acesso em: 13 fev. 2023.

SMITH, P. K. Cyberbullying: Challenges and opportunities for a research program - A response to Olweus. **European Journal of Developmental Psychology**, v. 9, n.5, 553-558. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17405629.2012.689821> Acesso em: 20 mar. 2023.

SMITH, P.K.; DEL BARRIO, C. Y TOKUNAGA, R. Definitions of Bullying and Cyberbullying: How Useful Are the Terms? In S. BAUMAN, J. WALKER Y D. CROSS (Eds) **Principles of Cyberbullying Research. Definitions, measures and methodology** (pp.26-40). NYork/Londres: Routledge. 2012.

SOUZA, S. B.; SIMÃO, A. M. V. Clima universitário e cyberbullying: um estudo com estudantes do Brasil e Portugal. **Revista @mbientação**, [S.I.], v. 10, n. 2. p. 181-196, 2017. Disponível em: <<https://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/106>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

SOUZA, S. B. *et al.* University students' perceptions of campus climate, cyberbullying and cultural issues: implications for theory and practice. **Studies in Higher Education**, v. 43, n. 11, p. 2072-2087, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03075079.2017.1307818> Acesso em: 13 fev. 2023.

SOUZA, S. B. *et al.* The dynamic of cyberbullying in university students: Moderating effects of gender and culture. **REMIE: Multidisciplinary Journal of Educational Research**, v. 12, n. 3, p. 322-348, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.17583/remie.8999> Acesso em: 13 fev. 2023.

TROMBINI-FRICK, L.; ZECHI, J. A. M.; STELKO-PEREIRA, A. C.; CORTEZ, P. A. A jornada diária: o trabalho com a convivência ética nas escolas. In.: Edna Alves Chagas Rutkowski; Ana Maria Falcão de Aragão. (Orgs.) **Formação docente e práticas transformadoras**. 1ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, p. 150-177, 2022.

WATTS, L. K. *et al.* Cyberbullying in higher education: A literature review. **Computers in Human Behavior**, v. 69, p. 268-274, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.12.038> Acesso em: 17 nov. 2022.

ZECHI, J. A. M.; FRICK, L. T.; MENIN, M. S. S. Educação para a convivência ética: uma emergência. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 28, n. 3, p. 1123-1148, 2021.

Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rep.v28i3.11411>. Acesso em: 13 fev. 2023.

ZECHI, J. A. M.; VINHA, T. P. A convivência ética em escolas públicas: Análise de um programa de intervenção a partir das perspectivas dos profissionais da escola. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 1293-1310, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17i2.15032>. Acesso em: 13 fev. 2023.

Recebido 06/04/2023

Aprovado 06/07/2023